

## **EDGAR MORIN**

O século 21 verá o desenvolvimento de processos culturais concorrentes antagônicos, complementares em certos casos, que se manifestaram no final do século 20:

- 1) a expansão planetária da esfera das artes, da literatura e da filosofia;
- 2) a homogeneização, padronização, degradação e perda de diversidades, mas também a dialógica (relação antagonista e complementar) entre produção e criação;
- 3) o desenvolvimento de um folclore global;
- 4) o desenvolvimento de grandes ondas transnacionais, encontros, mestiçagens, novas sínteses e novas diversidades;
- 5) o retorno às fontes, a regeneração das singularidades. O conjunto de fatores que inclui a expansão da internet como um sistema neurocerebral artificial de caráter planetário e o desenvolvimento da multimídia irão exacerbar e amplificar as tendências em curso e acentuar os antagonismos entre uma organização concentrada, burocrática e capitalista da produção cultural de um lado, e as necessidades internas de originalidade, singularidade e criatividade do produto cultural de outro, ou seja, a necessidade da produção de levar em conta sua antagonista, a criação. Da mesma forma, ocorrerá o desenvolvimento concorrente e interferente entre, de um lado, o processo de padronização cultural e, de outro, o processo de individualização cultural, não apenas quanto às obras, mas também quanto ao seu uso.

### **1) a expansão planetária**

As grandes esferas culturais estavam fechadas umas às outras e, para os europeus, a cultura “universal” era a cultura do universo das obras européias, tanto na Literatura (Cervantes, Shakespeare, Molière, Balzac etc.), quanto na poesia ou na música. Ao longo do século 20, uma esfera verdadeiramente universal constituiu-se. As traduções multiplicaram-se. Os romances japoneses, latino-americanos e africanos foram publicados nos principais idiomas europeus e os romances europeus foram publicados na Ásia e nas Américas. As músicas ocidentais encontram intérpretes em todos os continentes e a Europa se abre às músicas do oriente árabe, da Índia, da China, do Japão, da América Latina e da África. Essa nova cultura mundial certamente ainda é isolada em esferas restritas em cada nação, mas seu desenvolvimento, que é um traço marcante da segunda metade do século 20, irá prosseguir no século 21. Ainda que os modos de pensamento ocidentais tenham invadido o mundo, os modos de pensamento de outras culturas resistem e são doravante difundidos no ocidente. O ocidente já havia traduzido o Avesta e os Upanisads, no século 18, Confúcio e Lao Tsé no século 19, mas as mensagens da Ásia permaneciam apenas objeto de estudos eruditos. É apenas no século 20 que as filosofias e místicas do Islã, os textos sagrados da Índia e o pensamento do Tao e o do budismo tornam-se fonte vivas para a alma ocidental arrastada/acorrentada ao mundo do ativismo, do produtivismo, da eficácia e do divertimento e que aspira à paz interior e à harmonia consigo mesma. Surgiu então uma demanda ocidental pelo oriente, com grande procura pelas formas vulgarizadas e comercializadas da ioga e das mensagens do budismo.

### **2) A padronização cultural e seus limites**

A chegada do cinema, da grande imprensa e depois do rádio e da televisão no século 20 conduziram ao desenvolvimento da industrialização e da comercialização da cultura com o auxílio dos seguintes fatores: da

divisão especializada do trabalho, da padronização do produto e sua mensuração cronométrica, da busca da rentabilidade e do lucro.

No entanto, a indústria cultural não pode eliminar a originalidade, a individualidade, aquilo que chamamos talento. Não apenas não pode eliminá-lo, como tem dele uma necessidade fundamental. Mesmo se um filme é concebido em função de algumas receitas padrão (intriga amorosa, final feliz), ele deve ter sua personalidade, sua originalidade, sua unicidade. Dito de outra forma, a produção de uma novela ou de um filme não se assemelha à de um automóvel ou à de uma máquina de lavar. E é um símbolo que Hollywood tenha invocado William Faulkner, um escritor que pode ser considerado extremamente criativo, entregue à sua própria paixão, ao seu próprio ardor, seus próprios fantasmas e obsessões. É claro, o gênio de Faulkner raramente foi mostrado nos filmes de Hollywood, mas uma parte dele manifestou-se com frequência neles. Deste modo, em tudo que se ergue da indústria cultural há um conflito permanente e, ao mesmo tempo, uma complementaridade constante entre o individual, o original, a criação e o produto padronizado, simplificando, entre a Criação e a Produção. É evidente que algumas obras são estereotipadas, padronizadas, chatas, enquanto outras possuem algo que transforma o estereótipo em arquétipo como os grandes arquétipos mitológicos. Um gênero como o Western, que produziu tanto filmes de terceira quanto obras-primas, tem sua força no caráter mitológico e arquetípico da conquista do Oeste, vivida não apenas como uma epopéia singular mas também como o momento da instauração da lei, quando ainda não havia lei, da introdução da ordem e da justiça onde reinava o furor da violência. Os filmes de samurai nos mostram a luta épica do cavaleiro solitário pela justiça e pelo bem num mundo sem lei. Assim, grandes autores como John Ford ou Kurosawa realizaram suas obras primas.

A indústria cultural é animada portanto por uma contradição que, ao mesmo tempo, destrói em si mesma os germes da criatividade e os suscita. Hoje, a literatura existe pelo livro impresso, um meio de multiplicação em massa. Apesar disso, a literatura conserva ainda hoje um princípio artesanal. A produção da obra, mesmo com o computador, guarda um caráter individual. Contudo, a literatura, com o desenvolvimento das grandes editoras, sofre cada vez mais as pressões da industrialização e da comercialização.

Houve um tempo, que durou alguns séculos, em que o texto manuscrito era enviado ao editor, o que logicamente supunha inúmeras correções nas provas. Os manuscritos de Proust comportavam um número tal de colagens que se desdobravam sobre os lados, acima e abaixo das páginas, que foram apelidadas “*paperolles*”, papelório. Hoje, deve-se enviar um disquete definitivo ao editor, proibido de realizar correções de autor nas provas, a não ser que o custo seja coberto pelo próprio autor.

Pois bem, uma obra literária amadurece a partir de objetivações sucessivas que permitem ao escritor afastar-se desse embrião que saiu de suas “entranhas mentais”. Percebendo-o de forma cada vez mais distanciada, isso permite que ele realize não apenas pequenos retoques, como faz o pintor que se afasta da tela, mas também, às vezes, modificações profundas que são necessárias. Pense que “Em Busca do Tempo Perdido”, de Proust, não seria o que é se Proust não tivesse tido a possibilidade de transfigurar totalmente a primeira impressão de sua obra.

A este fato juntam-se as limitações de volume. Os editores não gostam nem dos livros muito curtos e nem dos livros muito grandes, a menos que prevejam antecipadamente um *best seller*. O tamanho e o volume do livro permitem então um aumento do preço e, conseqüentemente, do lucro.

Em seguida, há o processo de pré-seleção realizado pelos editores influentes. Um grande editor, que edite de 15 a 20 livros por mês, pré-seleciona os que julga possuir uma resposta de público. A assessora de imprensa não diz, é claro, aos críticos: “O senhor irá receber 15 livros que são todos obras-primas”. Não, ela dirá: “Peço-lhe que leia este livro, ele certamente o agradará”. Além disso, note que falo das assessoras de imprensa no feminino, enquanto os críticos são em sua maioria do sexo masculino, o que favorece as pressões de charme, que não têm evidentemente nada a ver com o conteúdo intrínseco das obras.

Enfim, o efeito extremo desta pré-seleção é o fenômeno bastante conhecido da “best-sellerização”, a fabricação de *best sellers*. O que ocorre com o livro acontece também com o cinema; há receitas para se produzir um *best-seller*, uma dose de sangue, de violação, de amor, de violência, de paixão, de massacre, de conflito e de ciúmes, mas não há jamais a certeza de que tudo isso junto possa resultar num *best seller*. Felizmente, há uma parte aleatória. Contudo, trata-se de um processo que, desde o momento em que se inicia, torna-se irresistível - é o que chamamos feedback positivo: o aumento da venda gera uma explosão das vendas etc. Criam-se fenômenos epidêmicos de contágio, o que faz com que, no mundo da literatura na França, alguns livros tenham tiragens de 1.000, 1.500, 2.000 exemplares, no limiar da rentabilidade, enquanto outros atingem e até ultrapassam os 200.000 exemplares. As revistas praticam a “parada de sucessos” de livros da mesma forma que para os cantores de rock ou outros produtos da indústria cultural. Os livros são cotados em função dos números de suas vendas num certo número de livrarias, que varia segundo o público visado pelas revistas. As melhores notas - os livros mais vendidos - tendem a prescrever sua compra, senão a leitura.

Última restrição, a rotação muito rápida dos livros nas livrarias. Os grandes editores deixam os livros em consignação com os livreiros, que não pagam no momento da entrega e que têm o prazer de devolver os livros que não são vendidos. Se o editor já pré-selecionou este livro acreditando que fará sucesso, irá enviar uma quantidade grande para venda em consignação e fará um esforço enorme de publicidade e junto aos críticos para que esses livros sejam vendidos. Todos os livros que escapam a este sistema, no entanto, irão cair em um turbilhão. Os livros de autores jovens, os livros de autores difíceis, os livros que ainda não tem seus fãs e tietes, ou seja, se este livro não é sinalizado de alguma forma, ele desaparece ao final de dois meses na livraria.

Este sistema, tão prejudicial à criação, não a anula, pois os editores têm ainda mais necessidade de originalidade que os produtores de cinema.

Por outro lado, a diversidade é o antídoto mais potente para a padronização: a diversidade de editores para os livros e a diversificação das redes, no caso do rádio e da televisão.

### **3) O desenvolvimento de um folclore planetário**

Ao longo do século 20, as mídias produziram, difundiram e urdiram um folclore global, a partir de temas originais saídos de culturas diferentes, ora renovados, ora sincretizados. A formidável “fábrica de sonhos” de Hollywood criou e propagou um novo folclore mundial através do western, do policial “noir”, do thriller, da comédia musical, do desenho animado - de Walt Disney a Tex Avery. As nações ocidentais, e depois as orientais, produziram seu cinema. Certamente, há com frequência mais fabricação que criação num grande número de filmes, mas a arte do cinema floresceu em toda parte, em todos os continentes e, pela mediação da dublagem e da difusão dos aparelhos de televisão, ele tornou-se uma arte globalizada, ao mesmo tempo em que preservou as originalidades dos artistas e culturas. Pode-se mesmo notar que as co-produções reunindo produtores, atores e artistas de diferentes nacionalidades, como se faz muito atualmente, do “Leopardo” de Visconti a “Ran” de Kurosawa, chegam, através da produção cosmopolita, a uma autenticidade estética que se perdeu nos folclores regionais empobrecidos.

Um folclore planetário constituiu-se e foi enriquecido por integrações e encontros. Ele se espalhou pelo mundo do jazz, que se ramificou em vários estilos a partir de Nova Orleans, chegando ao tango, nascido no bairro portuário de Buenos Aires, ao mambo cubano, à valsa de Viena e ao rock americano, o qual produziu variedades diferenciadas no mundo inteiro. Integrou a cítara indiana de Ravi Shankar, o flamenco andaluz, a melopéia árabe de Oum Kalsoum, o huayno dos Andes e suscitou os sincretismos da salsa, do raï, do flamenco-rock.

Quando se trata de arte, música, literatura, pensamento, a mundialização/globalização cultural não é homogeneizante. Ela se constitui de grandes ondas transnacionais, mas que favorecem a expressão das originalidades nacionais em seu seio. Assim como ocorreu na Europa com o Classicismo, as Luzes, o

Romantismo, o Realismo e o Surrealismo, também ocorre no resto do mundo com as ondas literárias, pictóricas, musicais, saídas a cada vez de um ponto diferente.

#### 4) Encontros e mestiçagens culturais

Não esqueçamos que a mestiçagem sempre recriou a diversidade, favorecendo a intercomunicação. Alexandre, o Grande, a cada cidade conquistada na Ásia, fazia com que algumas centenas de jovens nativas se casassem seus guerreiros macedônicos; com as cidades que ele atravessou ou criou formaram-se as matrizes de civilizações helênicas brilhantes e fontes de arte mestiça greco-budista. A própria civilização romana bem cedo se tornou mestiça, assimilando em si toda a herança grega; ela soube integrar em seu panteão um número bastante grande de deuses estrangeiros e, em seu território, povos bárbaros que se tornaram romanos de direito, guardando sua identidade étnica.

A criação artística se alimenta de influências e de confluências. Assim, a tradição que hoje aparenta ser a mais autenticamente original, o flamenco, é, como o próprio povo andaluz, o produto de interpenetrações árabes, judaicas e espanholas transmutadas no seio e pelo gênio doloroso do povo cigano. Podemos escutar e ver no flamenco a fecundidade e os perigos do duplo imperativo, preservar – a origem – e abrir-se – ao estrangeiro. Do lado da preservação, houve inicialmente, graças sobretudo à afeição de alguns apreciadores franceses, o estudo e o retorno às fontes do canto jondo, que se havia consideravelmente degradado; assim, velhas gravações foram ressuscitadas em compilações; intérpretes esquecidos e decadentes tornaram-se mestres, formando, no respeito da tradição, novas gerações de intérpretes, desde então fortemente revigorados. Do lado da abertura, houve inicialmente a degeneração numa massa de “espanhólicos” vagamente sevilhanas, depois uma integração de fontes na música de Albéniz e na de Falla, e depois, enfim, as mestiçagens interessantes e recentes com as sonoridades e ritmos vindos de outras partes, como aqueles do jazz (Paco de Lucia tocando com John McLaughlin) ou do rock (no melhor Gipsy Kings).

O jazz foi inicialmente um híbrido afro-americano, produto singular de Nova Orleans, que se espalhou nos Estados Unidos, conhecendo múltiplas mutações, sem que os novos estilos fizessem desaparecer os estilos precedentes; e ele se torna uma música negra/branca, escutada, dançada e depois tocada pelos brancos e, sob todas as suas formas, ele se espalha pelo mundo, enquanto o velho estilo de Nova Orleans, aparentemente abandonado em sua fonte, renasce nos porões de Saint Germain des Près, volta aos Estados Unidos e se reinstala em Nova Orleans. Mais tarde, após o encontro do *rhythm & blues*, é na esfera branca que o rock aparece nos Estados Unidos, para se espalhar pelo mundo inteiro e, em seguida, se aclimatar em todas as línguas, adquirindo a cada vez uma identidade nacional.

Hoje, em Pequim, Cantão, Tóquio, Paris e Moscou, dança-se, comemora-se, comunga-se rock e a juventude de todos os países plana no mesmo ritmo sobre o mesmo planeta.

A difusão mundial do rock suscitou em toda parte, além disso, novas originalidades mestiças como o raï e, enfim, misturadas no rock-fusion, um tipo de caldo rítmico, onde as culturas musicais do mundo inteiro se casam entre si. Assim, às vezes para o pior, mas também freqüentemente para o melhor, e isso sem se perder, as culturas musicais do mundo inteiro fecundam-se, ainda sem saber, contudo, que geram frutos em todo o planeta.

Quanto à massificação, ela vem da homogeneização técnica, da “macdonaldização” de todas as coisas, mas não vem dos encontros e da mestiçagem. Toda mestiçagem cria a diversidade; veja as belas eurásianas e as belas brasileiras.

Deve-se também deixar os homens e a cultura caminharem em direção à mestiçagem generalizada e diversificada, ele mesmo diversificando por sua vez. As proibições portadoras da maledição que, na era da diáspora humana, constituíam as defesas imunológicas das culturas arcaicas e das religiões dogmáticas, tornaram-se obstáculos à comunicação, à compreensão e à criação na era planetária. Num primeiro momento, os

misturadores de estilos são considerados “confusionistas”; os mestiços de etnia e de religião são rejeitados como bastardos e hereges por suas comunidades de origem. Eles são vítimas e mártires de um processo pioneiro de compreensão.

## 5) As renovações

Ao mesmo tempo em que todos os processos indicados e em reação contra os perigos da perda de identidade e da autenticidade, em toda parte opera-se uma volta às origens, e isso é particularmente notável na música. Como dissemos, é no momento em que iria desaparecer que o flamenco foi ressuscitado por jovens gerações, seguindo o exemplo dos velhos “cantaores”, e o mercado internacional do disco e do espetáculo favoreceu essa ressurreição, multiplicando os amantes de flamenco pelo mundo. Assim, o flamenco é um exemplo de retorno às origens e de mestiçagem, dois processos aparentemente antagônicos mas que na realidade são complementares. Em toda parte, as jovens gerações, tanto na Europa - nos países celta e basco -quanto na África e na Ásia, dedicam-se a preservar músicas, instrumentos e cantos tradicionais. Assim, as culturas tradicionais resistem e se defendem.

No entanto, é necessário precisar aqui que uma cultura rica é uma cultura que, ao mesmo tempo, é preservada e íntegra. É uma cultura ao mesmo tempo aberta e fechada. Contrariamente à idéia de que cada cultura comporta em si própria uma plenitude, Maruyama nota justamente que em cada cultura há algo de disfuncional (falha de funcionamento) de antifuncional (funcionando ao contrário do que se deseja), sub-funcional (atingindo um desempenho abaixo do nível desejado) e tóxi-funcional (criando danos em seu funcionamento). As culturas são imperfeitas em si mesmas, como nós mesmos somos imperfeitos. Todas as culturas, como a nossa, constituem uma mistura de superstições, ficções, fixações, saberes acumulados e não criticados, erros grosseiros, verdades profundas; mas essa mistura não é discernível à primeira vista; deve-se estar atento para não se classificar como supertisções saberes milenares – como, por exemplo, os modos de preparação do milho no México, que durante muito tempo foram atribuídos pelos antropólogos a crenças mágicas, até que se descobriu que eles permitiam ao organismo assimilar a lisina, substância nutritiva que durante muito tempo foi a base de sua alimentação. De onde surge esse paradoxo, que será aquele do século 21: deve-se ao mesmo tempo preservar e abrir as culturas. Isso não é, porém, nada de inovador: na fonte de todas as culturas, incluindo aquelas que parecem as mais singulares, há o encontro, a associação, o sincretismo, a mestiçagem. Todas as culturas possuem uma possibilidade de assimilar nelas aquilo que lhes é inicialmente estrangeiro, pelo menos até um certo limiar, variável segundo sua vitalidade, e além do qual são elas que serão assimiladas e/ou desintegradas.

Assim, segundo um duplo imperativo complexo do qual não podemos anular a contradição interna – mas essa contradição poderá ser ultrapassada e não é ela necessária à própria vida das culturas? – devemos ao mesmo tempo defender as singularidades culturais e promover as hibridizações e mestiçagens: devemos ligar a preservação das identidades e a propagação de uma universalidade mestiça ou cosmopolita, que tende a destruir essas identidades.

Como integrar sem desintegrar? O problema coloca-se dramaticamente para as culturas arcaicas, como a dos Inuits. Deveria saber-se fazer com que eles fossem beneficiados pelas vantagens de nossa civilização – saúde, técnicas, conforto etc. – mas saber auxiliá-los a conservar os segredos de sua própria medicina, de seu xamanismo, seu conhecimento de caçadores, seus conhecimentos da natureza etc. Seriam necessários barqueiros, como Jean Malaurie, que não fossem absolutamente missionários religiosos ou laicos vindos para fazer com que eles tivessem vergonha de suas crenças e usos.

## **Conclusão**

É evidente que o desenvolvimento da mundialização cultural é inseparável do desenvolvimento mundial das redes midiáticas, da difusão mundial dos modos de reprodução (cassetes, cds, vídeos) e que a internet e a multimídia acelerarão e amplificarão todos os processos, diversos, concorrentes e antagônicos (ou seja, complexos) que evocamos. Não cremos na desapareição do livro, nem na do cinema; haverá provavelmente até um retorno a um e a outro, o primeiro na intimidade da meditação, da solidão, da releitura, o segundo na comunhão em salas escuras. Cremos também que apesar de seus avanços impressionantes, os processos de padronização e os imperativos do lucro serão contrabalançados pelos processos de diversificação e as necessidades de individualização.

Trata-se de ir em direção a uma sociedade universal fundada sobre o gênio da diversidade e não sobre a falta de gênio da homogeneidade, o que nos leva a um duplo imperativo, que traz em si sua contradição, mas que não pode fecundar fora dela: em toda parte, preservar, estender, cultivar e desenvolver a diversidade.

A humanidade é ao mesmo tempo una e múltipla. Sua riqueza está na diversidade das culturas, mas podemos e devemos nos comunicar dentro da mesma identidade terrestre. Ao nos convertermos verdadeiramente em cidadãos do mundo, partilhando uma mesma cultura das Cem Flores, é que nos tornamos vigilantes e respeitadores das heranças culturais.

Encerramento do **Seminário Internacional Educação e Cultura** - SESC Vila Mariana – 23/agosto/2002

## **EDGAR MORIN**

Caros amigos, inicialmente, obrigado. Obrigado ao SESC pela organização desta reunião. Obrigado, em nome de todos os meus amigos que foram convidados para esse seminário e, naturalmente, em meu próprio nome.

Meu discurso de encerramento será um discurso de abertura. Estamos aqui hoje, 23 de agosto de 2002, na aurora de um novo milênio. Estamos no coração de um dos países mais belos do mundo. Estamos a três semanas do aniversário de um choque formidável que abalou o mundo em 11 de setembro de 2001, do qual ainda não podemos mensurar os efeitos. Estamos às vésperas de uma cúpula mundial que irá se reunir em Johannesburgo para impedir que nossa Terra, esta Terra de que falou tão bem Peter Westbroek, torne-se uma nau espacial que vague cegamente na direção da catástrofe, impulsionada por quatro motores descontrolados: a ciência, a técnica, a indústria e o lucro. No seio dessa nau espacial, forças cegas e furiosas desencadeiam-se. Como pilotar? A grande solução aos problemas da humanidade que desejava trazer o socialismo da União Soviética desmoronou em 1989. A grande solução que pretendia ser o mercado mundial sem entrave está desmoronando. Que paradoxo! A crise do capitalismo anunciada por Marx não veio do proletariado, mas da sede desenfreada do lucro no seio do próprio capitalismo. Outra ironia. Não é Bin Laden, é Wall Street mesmo que provoca o caos econômico.

E nós aqui, na Vila Mariana, debatemos cultura e educação. Mas estaríamos fora da crise? Estaríamos fora das realidades mais dramáticas de nosso mundo? Não. Não apenas, como o mostraram particularmente Christiane e Alfredo, a relação educação-cultura é inseparável da relação com a história, com a política, com a sociedade, com o planeta, mas também porque o problema é de educação e cultura. Esses problemas estão no cerne de nossos problemas históricos, sociais, políticos e planetários e é de importância capital que ele seja evocado durante a crise planetária.

Tenho o sentimento de que essa nau espacial rumo para a catástrofe e que a cegueira que reina não vem apenas de paixões desenfreadas, mas vem também de um modo de pensamento fragmentado, incapaz de penetrar naquilo que é fundamental e no que é global. Estamos entregues, e esta é a fórmula de Serge Moskvici, somos

levados, loucamente, à fragmentação. Por isso, necessitamos uma inteligência que possa enfrentar todos esses desafios. Se a cultura é a segunda natureza tanto das sociedades quanto dos indivíduos, é nossa cultura que devemos reconsiderar, fazer a autocrítica e repensar. Se quisesse indicar o elo que pode haver entre a estrutura do pensamento e, notadamente, aquela que se manifesta nas ciências, nos conhecimentos, nas universidades é a estrutura da sociedade. É a palavra paradigma, que emprego no seguinte sentido: um paradigma é formado por um certo número de relações lógicas que ligam essas partes de conceitos fundamentais. Assim, por exemplo, temos o paradigma que chamei o grande paradigma do Ocidente, formulado por Descartes, que nos ordena separar a cultura das humanidades, as letras, as artes, a filosofia e a cultura científica. De um lado, o sujeito, o espírito, de outro, a matéria, as coisas. Esse paradigma nos ordena, então, a separar e, especialmente nas ciências, a reduzir o conhecimento do todo ao conhecimento das partes. Ora, não é apenas nosso espírito que obedece a esse paradigma. Ao longo da história das sociedades ocidentais, a partir do século 17 e cada vez mais, o modo de organização da sociedade funda-se na separação, na divisão extrema do trabalho, na separação em categorias, na separação entre o pensamento econômico e o pensamento moral. Dito de outra maneira, entre a sociedade e a forma de pensar em profundidade, há uma relação, o que nos deixa efetivamente a dificuldade considerável de tentar pensar de outra forma. Contudo, nos damos conta de que o processo pelo qual somos levados é o mesmo que nos leva rumo à catástrofe que evoco. É o sonho formulado por Descartes, por Bacon, por Marx, por Buffon e o sonho que guiou a empresa ocidental, o sonho de conquistar o mundo, de dominar a natureza. Este sonho conduz de fato a um suicídio, pois a força formidável desencadeada pelas potências nucleares, pelas potências de manipulação, pelo desenvolvimento técnico hoje degrada nossa biosfera, indispensável a nossas vidas e em vias de agravar o conjunto de ameaças nucleares, biológicas e outras sobre nós. Assim, uma revolução de paradigma, de forma de pensar e conceber deve se operar, evidentemente, através da cultura, mas deve, como consequência, ter efeitos sobre o conjunto dos problemas sociais e históricos. Certamente, vemos bem o sentido que a revolução de paradigma deve ter, já que o paradigma que domina nossos espíritos nos faz sempre separar, separar, separar, podemos considerá-lo como diabólico, já que a palavra diabo significa aquele que separa, aquele que divide sempre. Necessitamos um paradigma que nos faça religar e solidarizar. Religar a cultura humanista e a cultura científica, como já o indiquei em minha conferência inaugural, religar as partes e o todo do qual elas fazem parte e pensar que essa reforma não concerne apenas o conhecimento, porque ela possui uma inclinação ética.

Com efeito, a fragmentação que vivemos do/pelo modo de organização do trabalho em nossas sociedades, com cada qual fechado em seu domínio, em seu escritório, em sua disciplina, essa fragmentação mais a tendência egocêntrica impedem de ver o conjunto do qual fazemos parte e impede de alguma forma conceber a solidariedade que liga todas as partes entre si. Pascal falava dessa solidariedade que liga as coisas mais afastadas umas às outras, o que o levou a dizer: “apenas posso conhecer as partes se conheço o todo, mas não posso conhecer o todo se não conheço as partes”. O alcance moral de tudo isso é que esta situação degrada tanto o senso de solidariedade quanto o de responsabilidade. Ora, a solidariedade e a responsabilidade são as duas fontes fundamentais da ética e de tudo mais.

Este é, portanto, o problema. Como ligar o indivíduo, essa reconquista do individualismo, que são conquistas de autonomia, a um sentido de comunidade. Além disso, tentemos imaginar o que pode ser uma sociedade extremamente complexa. Uma sociedade extremamente complexa é uma sociedade onde os indivíduos ou os grupos possuem liberdades, capacidades e criatividade muito grandes. Nitidamente, há um aspecto negativo. Hegel dizia: “a liberdade é também o crime”. Mas os aspectos positivos são certamente muito mais importantes. Apenas indo à extrema complexidade chega-se à desintegração do elo social e, nesse momento, é o caos. Portanto, como fazer para que ao mesmo tempo haja o máximo de autonomia, de liberdade, de responsabilidade e um elo social forte, que não seja evidentemente o poder da coerção, a guarda, a polícia, da qual, incontestavelmente, é necessário um mínimo? Qual o elo? O elo social pode ser apenas um sentimento vivenciado de solidariedade e de comunidade. Portanto, a solidariedade e a comunidade são indispensáveis à complexidade social e, conseqüentemente, são indispensáveis à autonomia e à liberdade humana. Hoje, temos a

perspectiva de conceber esses problemas em termos do planeta, porque a noção de pátria Terra de que falei quer dizer criar um elo fraternal e comunitário entre o conjunto dos humanos no qual, justamente, as diferentes liberdades e autonomias pudessem manifestar-se.

Temos, portanto, um problema no que concerne à educação, pois se trata do domínio do saber. Temos o problema da reorganização dos saberes. Já fiz, em livros, proposições sobre esse assunto. O que se deve dizer é que ir além do saber fragmentado, hiper-especializado, que comporta uma linguagem inacessível àqueles que não são da especialidade, reformar tal saber é ir em direção a essa reorganização, que permitirá uma democracia cognitiva, porque, nas condições atuais, os conhecimentos científicos e técnicos, cada vez mais importantes para a sociedade e para a política e para toda a nossa evolução, estão fora do alcance dos cidadãos e são monopólio dos especialistas e dos técnicos que podem impor soluções à nossa ignorância. A democracia cognitiva tornou-se, nas condições históricas atuais, uma condição sine qua non para que a cidadania possa se afirmar, senão ocorreria uma regressão, uma derrota da democracia. Vemos, pela mesma razão, que temos pela frente um problema que, a partir da educação e do saber, diz respeito à regeneração da política e da democracia.

Mas aqui, e já que devemos nos situar ao nível dos problemas planetários, coloca-se a questão de uma noção que é utilizada ininterruptamente, a todos propósitos, que é o desenvolvimento. Afirmo agora que se deve ir além dessa noção, mesmo quando ela é melhorada, moderada pela idéia de desenvolvimento sustentável. Deve-se ir além dessa noção, porque o desenvolvimento sustentável, que supõe que não se deve destruir a ecologia, o ambiente, a biosfera, mesmo nesse caso, o âmago dessa noção é ainda técnico e econômico, comportando a ilusão de que o simples desenvolvimento das forças técnicas e econômicas produz o desenvolvimento da civilização, das relações humanas, da democracia. Na verdade, como bem o vimos, os exemplos são numerosos, pode-se ter grande desenvolvimento econômico em situações de ditadura. Mas, sobretudo, devemos ver que esse desenvolvimento em si não pode ser considerado como o cerne da solução dos problemas de nosso século.

Outra crítica dessa noção é que ela é inseparável de uma noção de subdesenvolvimento que possui, a meu ver, um caráter abjeto. Isto porque o subdesenvolvimento supõe que aqueles que não o atingiram, que não desfrutam do desenvolvimento, vivem num universo não apenas de pobreza, já que, freqüentemente, o desenvolvimento técnico cria uma nova pobreza, mais grave que aquela que existia em regiões arcaicas. Dito de outra forma, não apenas viver na pobreza, mas viver na ignorância, na superstição. Essa noção de desenvolvimento, que priva totalmente, priva do conhecimento dessa realidade tão rica que existe nas sociedades de cultura oral, anterior à escrita, conhecimentos sobre a natureza, sobre os vegetais, sobre os animais, artes de vida, sabedorias. Nessas poucas, pequenas nações que continuamos a destruir em nome do progresso, há soluções, riquezas humanas consideráveis. Diria que a noção de desenvolvimento, além disso, supõe que o modelo social desejável e a única finalidade da história da humanidade são aqueles das sociedades desenvolvidas ocidentais, ou seja, liga-se a um total ocidentocentrismo, numa época em que o grande problema é exatamente o do intercâmbio, da simbiose entre civilizações, em outras palavras, em que as diferentes civilizações enriquecem-se umas às outras a partir de suas contribuições.

Além disso, diria que a idéia em que o desenvolvimento aparece como um ideal desejável ignora que as sociedades desenvolvidas encontram-se em uma crise originada justamente em seu próprio desenvolvimento. Não se trata apenas de uma crise humana, no sentido em que vemos que, apesar das riquezas, das possibilidades de usufruir a vida, das vantagens materiais que existem nas sociedades mais ricas, onde há tudo, materialmente falando, o bem-estar material corresponde com freqüência a um mal-estar do indivíduo, à solidão. Vemos que o individualismo, falo da virtude, pode provocar também a solidão pela perda e degradação das solidariedades tradicionais. Vemos também nas sociedades desenvolvidas que seu grande problema é que elas não podem controlar a afluência das técnicas, da ciência, da indústria e do lucro. Enfim, diria que o desenvolvimento conduz a uma degradação moral, porque, justamente, pudemos constatar que a desintegração das solidariedades tradicionais, da família, da cidade, do bairro, solidariedades concretas de pessoas que se encontram em um vilarejo e o desenvolvimento do egocentrismo, tudo isso produz a imoralidade e, portanto, o problema não é

continuar neste caminho, para aqueles que estão apenas em sua metade, ou continuar na rota do desenvolvimento, para aqueles que se encontram atualmente nessa situação, mas o problema é mudar de rota. Evidentemente, não se deve dar marcha à ré, voltar às sociedades fechadas, autárquicas, fechadas em seu fanatismo ou sob ditaduras, o grande problema é, efetivamente, um outro caminho e falarei sobre isso mais adiante.

Mas, antes de chegar a esse outro caminho, quero falar também do problema da violência. Esse problema, que é também inseparável não apenas da vida urbana, da modernização, mas evidentemente do problema da cultura e educação. Inicialmente, devemos verificar que nas sociedades arcaicas e, de forma ampla, nas sociedades humanas, é característico da cultura inibir a violência entre os membros que constituem uma sociedade. No entanto, constatamos que a violência tem sido a regra nas relações entre Estados e nações e os próprios poderes despóticos, como o vimos, exercem a violência sobre os habitantes de suas nações. Vemos também ressurgir no interior das sociedades, sobretudo nos setores marginais, onde há uma verdadeira desintegração do tecido social, a violência contra o conjunto da sociedade. Portanto, o problema da violência coloca-se mesmo se somos, ou melhor, se sou daqueles que acreditam que a violência não leva necessariamente à revolução. Esta é a experiência da revolução soviética, a experiência, digamos, do pós-marxismo. É que a violência corre o risco de provocar regressões piores que o melhor que se tenta ocasionar. Não queremos, efetivamente, a União Soviética, uma sociedade de dominação, uma sociedade hierárquica, uma sociedade que suprimia o direito de greve aos trabalhadores, em nome dos quais foi feita a revolução. Vimos que, de agora em diante, a violência não pode ser a justificativa mas, apesar disso, devemos constatar que os povos dominados, colonizados, colocam em dúvida a violência para sua emancipação, pois a resistência comporta a violência. Particpei de uma resistência, durante a Segunda Guerra mundial e a violência não pode ser afastada. Mas, hoje, o desdobramento da violência em todos os domínios é tal, o pós-1989 manifestou-se por uma multiplicação de guerras, guerras civis tornando-se guerras entre nações, como na Iugoslávia, como em Angola, a guerra terrível como a que ocorre entre Israel e Palestina. Vimos que, após o desdobramento do que podemos chamar terrorismo, com a condição de definir essa noção, ou seja, o terrorismo que atinge essencialmente e unicamente sociedades civis e sabendo-se que não existe apenas o terrorismo de grupos clandestinos, mas também terrorismos de Estado que se alastram. Se, vendo efetivamente tudo isso, somos confrontados com esse problema a longo prazo, mesmo porque continuam a existir fontes de violência que ainda não se desencadearam, porque vemos e sentimos a presença terrificante de ódios em uma parte do globo, rancores e desdém que podem repentinamente tomar a forma de violência, de barbárie, de vingança, de desumanização do inimigo, considerado como um cão, todos esses fragmentos de violência que deveriam provocar o desgosto, que deveriam nos causar repugnância, mas que também nos levam a fazer proposições. Sabemos, no entanto, que não podemos frear esse processo apenas com a boa vontade. Há um caminho muito longo em direção à não-violência, mas é preciso começar a pensar e a praticar esse caminho em rumo da superação da violência. Ele passa pela cultura, passa pela educação, passa, evidentemente, pela política.

Existe, enfim, nesse domínio, o problema da incompreensão. Cada vez mais me parece que a incompreensão é um problema capital, que também deveria estar no centro do problema da educação e da cultura. A incompreensão existe entre estrangeiros, entre nações, entre religiões, entre ideologias. Mas ela existe também no seio de uma mesma sociedade, no seio de uma mesma família, entre colegas de uma mesma empresa ou universidade. Então, é claro, a incompreensão possui fontes tradicionais, que conhecemos muito bem, o fechamento cultural, esse fechamento que comporta em si mesmo uma barbárie específica. Sabemos que, desde que haja abertura, comunicação, há uma diminuição da incompreensão. Mas há uma outra fonte de incompreensão. Ela também tem sua origem nesse conhecimento fragmentado e mutilado que provém de nossos sistemas educacionais, porque somos incapazes de compreender os conjuntos, os indivíduos concretos, a subjetividade. Somos, enfim, incapazes de compreender a humanidade. Sabemos que, num dado momento, as ciências humanas acreditaram ser possível eliminar a noção de homem, considerada absolutamente inútil. Portanto, a incompreensão vem do conhecimento mais evoluído, o que é também um dos aspectos perversos de nosso individualismo, que nos leva sempre a nos autojustificar em relação a outrem e explica a incompreensão

crescente entre os membros de um casal, entre o homem e a mulher, entre os pais e as crianças, entre as crianças e os pais etc. Temos um problema ao mesmo tempo de alcance planetário, já que comporta em si a ameaça de guerras e de conflitos, mas que também é um câncer no seio de nossas próprias sociedades. Seria quase possível dizer que o mundo está explodindo de incompreensão. Então, chegamos, talvez, ao problema-chave, que é bastante antigo e que possui traços totalmente novos. Trata-se de como reformar as relações entre os seres humanos, como abolir a iniquidade, a exploração, a dominação, o desprezo, o ódio.

É um problema que, evidentemente, de certo modo, é bastante antigo, um sermão da montanha a nos dizer “amai-vos uns aos outros”. Mensagens de misericórdia nos vêm de certas religiões. Mas este problema, muito antigo, não foi resolvido por essas mensagens. Creio que podemos pensar que quatro caminhos foram tentados ou esboçados em nossa história e na história contemporânea, sem que nenhum tenha alcançado sucesso. Ora, o primeiro caminho é a reforma das estruturas sociais, a reforma das instituições. Evidentemente, é um caminho que parece absolutamente necessário, mas, retomando o exemplo da União Soviética, não é suficiente transformar radicalmente as instituições, destruir a classe capitalista, criar uma nova ordem econômica, porque as raízes da exploração subsistem e recomeçam. Dito de outra forma, a mudança não deve ocorrer apenas nas estruturas materiais, a mudança deve ocorrer também nos espíritos, nas mentalidades humanas. No entanto, isso não quer dizer absolutamente que se deva eliminar toda forma de reforma das instituições, de reformas sociais, mas trata-se de uma condição necessária que não é suficiente.

Há, então, a reforma pela educação. Naturalmente, a educação poderia permitir a mudança de mentalidades e, de minha parte, acredito nisso, pois consagro muitos esforços nesse sentido, mas sei muito bem que a reforma pela educação necessita a reforma dos educadores. Karl Marx dizia: “Quem educará os educadores?”. Evidentemente, eles necessitam uma reeducação. Isso é possível, as reformas começam sempre pelos movimentos desviantes que, depois de um certo tempo, se tomam força e forma, podem tornar-se forças na sociedade. Portanto, a reforma da educação é necessária. Necessária, mas insuficiente, já que ela própria está ligada à reforma da sociedade.

Em seguida temos a reforma, digamos, propriamente cultural, que é a reforma da vida, a reforma das pessoas e a reforma moral.

Neste ponto, tentemos observar onde estão os problemas desses quatro caminhos. O primeiro, que significa uma reforma das instituições num período de globalização, onde a principal característica de nossa época planetária é a ausência de instituições capazes de regular e controlar a vaga furiosa que varre nosso planeta? Com certeza, não é suficiente que a reforma deva ser feita ou buscada apenas no plano planetário, mas trata-se, é claro, de um desafio. É necessário, naturalmente, que haja uma reforma em cada sociedade, em cada nação, de forma democrática, e quando uso a palavra democracia, deve-se conceber este termo não como sendo, digamos, de um certo país, como a democracia tal qual ela esteja instituída, por vezes de forma bastante sólida, em certos países, com regras que são respeitadas, pluripartidarismo, conflitos e, ao mesmo tempo, respeito mútuo das opiniões. Essas democracias são apenas certas formas de democracia. A democratização das sociedades deve ir muito mais longe e mais profundamente. Deve-se perseguir o encaminhamento democrático e, sobretudo, onde ele não começou, onde ele é embrionário, ele deve ser iniciado ou desenvolvido.

Para essa reforma das instituições, pois estou convencido de que há uma crise de nossa civilização ocidental que se espalhou pelo mundo e, de certa forma, ocidentalizou o planeta, portanto, se há uma crise dessa civilização, deve-se pensar em uma política de civilização, ou seja, uma política que pudesse ver uma forma de reformar essa civilização. Em seguida, há a elaboração de instituições planetárias para os problemas vitais. Porque uma instituição planetária faria sentido hoje? Porque, ao longo dos últimos anos, houve a emergência da infraestrutura de uma sociedade mundial. Uma sociedade necessita um território, necessita sistemas de comunicação, necessita uma economia. Hoje, o planeta é um território que possui o sistema de comunicação mais avançado que nenhuma nação conheceu no passado. Possui uma economia, que não é regulada, é incontrolável. Além disso, essa sociedade não possui instituições. As Nações Unidas estão quase paralisadas,

com um poder muito débil. Não há um direito internacional, apenas tentativas tímidas de criação de um direito penal, com o tribunal de Haia, com todas as dificuldades. Ou seja, temos o hardware de uma sociedade mundial, mas não temos o software, a política, as idéias e, sobretudo, a consciência comum de uma pátria Terra. Não temos a política planetária necessária. De agora em diante, devemos pensar também no plano da estrutura das sociedades e instituições. Podemos e devemos fazê-lo.

O segundo ponto sobre a educação, evidentemente, deve-se lembrar incessantemente que a função, a finalidade da educação, é auxiliar os espíritos a enfrentar a vida e suas incertezas, a reformar o pensamento para considerar os problemas fundamentais e globais e a produzir a compreensão humana.

Ora, a terceira reforma cultural comporta uma reforma da vida. Existiu no final do século 19 um movimento na Alemanha que se chamou *Lebensreform*, a reforma da vida, como reação à vida urbana, industrial, monetarizada e prosaica. Houve também um pequeno aglomerado num lugar da Suíça italiana que se chama Monte Verità. Neste local, formou-se um grupo para criar uma comunidade, com o sentimento de que era necessário retornar à natureza. Em seguida, o movimento de retorno à natureza desenvolveu-se na Alemanha, com o *Vandervogel*. Havia a idéia de que era necessário referir-se, recuperar a medicina natural. Era necessário atribuir um lugar vital à estética e em Monte Verità tratava-se da estética do corpo, a beleza do corpo, a dança, como se faz no SESC. Havia uma busca e uma prática da convivência e, por isso, da comunidade. Evidentemente, esta experiência desintegrou-se com a Primeira Guerra mundial, mas ela indica de certa forma o sentido de uma reforma de vida que se coloca hoje, com o sentimento que a qualidade de vida torna-se algo cada vez mais necessário em relação ao domínio do quantitativo e que, em toda parte onde existe o que chamamos consumismo, o consumo desenfreado, a divisa é “melhor”. Menos, mas melhor. Deve-se pensar que as idéias de convívio fora retomadas por Ivan Illich, deve-se pensar que há indícios em toda parte para que se tente escapar dos limites mais duros da vida urbana que não se restrinja aos finais de semana e às férias. A idéia de reforma de vida deve desenvolver cada vez mais e, além disso, diz respeito, indiretamente, ao conjunto das estruturas, porque, se buscarmos a qualidade dos produtos alimentares, haverá o desenvolvimento da agricultura biológica, que não é a grande agricultura intensiva, escapa-se assim da obsessão terrificante da rentabilidade que provocou a vaca louca e outras palavras que surgirão em breve, causar apenas pela busca da rentabilidade, ou seja, tudo se comunica, na verdade. Quando se tem um pouco o sentido da complexidade, vemos que não se pode considerar as coisas isoladamente.

Portanto, há a reforma da vida e há também isso que parecia reservado unicamente às sabedorias filosóficas ou religiosas, a reforma interior, a reforma moral. Nas sociedades ocidentais, vemos os sintomas dessa necessidade, os gurus, o hinduísmo, o zen budismo, a idéia, portanto, de que se deve mudar algo em si mesmo, que se deve escapar dos mecanismos terríficos de uma civilização que é fundada unicamente na conquista de bens materiais e de poderes materiais sobre a natureza. Nossa civilização que se criou e polarizou-se essencialmente para o exterior esqueceu o interior e a necessidade interior existe. Mas essa necessidade interior, cada vez mais sentida, deve corresponder à reforma do ego, que deve nos levar à compreensão de outrem. Existe um outro caminho, que pode ser muito perigoso, mas que, talvez, porque a ciência é ambivalente, possa ser também bastante útil. As ciências do cérebro, do espírito, permitirão que se elaborem produtos que possibilitarão a cada um, não tanto a manipulação do cérebro, o que também pode ocorrer, mas estimular as próprias qualidades cerebrais e mentais.

Portanto, a idéia que gostaria de propor é de fazer convergir e conjugar essas diferentes tentativas de reforma que, cada uma, repito, é insuficiente. Ou seja, conjugá-las e tudo isso através da educação, através da sociedade, através da política, por uma reforma política e através da reforma pessoal. É uma perspectiva, não estamos nem mesmo no começo do começo. Mas é um problema fundamental que podemos iniciar pela educação e na cultura. Então, poder-se-ia dizer, mas é evidente, tudo é possível. É possível reformar as instituições, é possível reformar a educação, é possível reformar a vida. Mas essas são possibilidades totalmente impossíveis hoje. Impossíveis na cegueira atual, no desencadeamento de furores, na fragmentação do conhecimento, na explosão das forças de

morte e, no entanto, eis-nos aqui, temos a impressão de que ao contrário, não apenas somos impotentes, mas que seremos vencidos, que as forças de morte irão se desencadear e que a probabilidade - e aqui se deve dizer o que significa a palavra provável, significa aquilo que um observador dado, num local dado, num tempo dado, que dispõe das melhores fontes de informação possa supor que seja um evento futuro - para nós, o futuro é a degradação da biosfera, os conflitos nucleares, o câncer do Oriente Médio que vai se propagar. Hoje, o provável é catastrófico. É muito triste, porque, se isto é verdade, veremos a humanidade em xeque no mesmo momento em que ela poderia realizar-se em nível planetário.

Refletamos um pouco a esse respeito, assim mesmo, primeiro porque, no curso da história, o provável nem sempre ocorreu e mesmo que frequentemente de forma bastante feliz, o improvável se deu. Cinco séculos antes de nossa era, havia um enorme império, o império persa, que quis atacar uma cidadezinha minúscula, um povoado que era Atenas. Os exércitos desse império atiraram-se sobre a Grécia. A probabilidade era da destruição e aniquilação total de Atenas. Pois bem, Atenas resistiu ao longo de uma primeira guerra médica. Os persas voltaram a atacar e, ao longo da segunda guerra médica, tomaram e incendiaram Atenas. Mas a frota grega, que estava no golfo de Salamina, graças à estratégia genial de Temístocles, levou a uma armadilha a frota persa, que foi destruída, mesmo sendo muito mais numerosa. Graças a esse acontecimento improvável, pouco tempo mais tarde houve o nascimento da democracia e da filosofia, dois acontecimentos históricos de importância incalculável. Portanto, o improvável pode acontecer.

Agora, o que pode ocorrer? Não sabemos, porque, quando um sistema não pode tratar seus mecanismos vitais, ele se desintegra e destrói. Mas, nesse momento, ele pode também secretar ou suscitar um metasistema, um sistema mais rico, dotado de mais capacidades e aptidões e que pode tratar dos problemas que o sistema não pode tratar. É o que suscita uma metamorfose, a palavra “meta” quer dizer “além”, “morfose”, formas, novas, que saem da forma existente. O que ocorre numa metamorfose? Veja o que se passa dentro de uma crisálida, quando uma lagarta entra para tornar-se uma borboleta. Todos os sistemas imunológicos da lagarta voltam-se contra ela e começam a se destruir enquanto lagarta. Ela destrói tudo, mesmo seu sistema digestivo, apenas o sistema nervoso é mantido e essa destruição é, ao mesmo tempo, a criação de um novo ser que, com grande dificuldade, assim que a crisálida é rompida, poderá alçar vôo, a borboleta.

Hoje, pode-se perguntar, será que as formidáveis destruições que ocorrem hoje não podem ser a face terrível de um outro processo, de uma nova criação? Apenas, como se sabe, o que há de terrível e de magnífico com a criação é que uma criação é impensável, inconcebível, invisível antes que ela ocorra, antes que ela esteja terminada. Mesmo a criação de uma obra prima musical, a Kyrie de Mozart, ninguém pode inventá-la, imaginá-la antes que ela seja criada. Tomemos o caso da origem da vida. Hoje, podemos supor como ela ocorreu. Num dado momento, um turbilhão de moléculas diversas enriquecendo-se cada vez mais chega ao limite da capacidade do sistema físico ou químico de organizar suas moléculas. Neste momento, ocorreu esse fenômeno imprevisível e inconcebível, que foi o do nascimento de uma nova organização, que era capaz de organizar cada vez mais moléculas numa célula e de criar em seguida multicelulares capazes de se reproduzir, capazes de calcular, capazes de conhecer, dotados de todas as qualidades da vida.

É evidente que, se tivéssemos observadores científicos vindos de um outro planeta que observassem o turbilhão, as tormentas, a tempestade durante as quais a vida estava surgindo, eles teriam dito, “mas veja, um planeta onde nada acontece, é o caos puro, nada de interessante nesse planeta”, e eles teriam feito seu relatório ao responsável pela pesquisa científica em Alfa Centauro. Mas tomemos o caso desses mesmos observadores que, por curiosidade, retornassem à Terra três ou quatro milhões de anos mais tarde. Ou seja, eles chegariam à Terra há mais ou menos um milhão de anos. O que eles vêem? Um belo planeta, com plantas, animais, muito bonito, muito rico. Mas, é curioso, há um pequeno bípede sem pelo, que corre e corre com uma clava para apanhar um coelho e, atrás dele, um tigre corre para apanhar o pequeno bípede. É um ser ridículo, não é mesmo? Ele não será jamais capaz de coisa alguma, nada acontecerá com seres semelhantes. Ao contrário, as formigas são muito mais

inteligentes, muito mais organizadas, ali vai ocorrer uma evolução magnífica. Novo erro. O improvável ocorreu, a partir do pequeno bípede.

Então, podemos dizer o mesmo da origem das sociedades históricas. Sabemos que a Terra foi povoada por sociedades arcaicas com algumas centenas de membros, sociedades sem Estado, sem classes sociais, sem cidades, sem filosofia, sem agricultura. Depois, num dado momento, em alguns pontos do globo, quatro ou cinco pontos, fenômenos que ainda não compreendemos bem permitiram a criação de um novo tipo de sociedade, com agricultura, com cidades, com Estado, com classes. Ocorreram muitos desastres, as guerras que conhecemos, mas isto é para dizer-lhes, eis aqui também a improbabilidade realizada e fenômenos inconcebíveis antes de sua criação.

Portanto, há um elemento de otimismo nesta visão, onde o espírito pessimista veria a obscuridade total para o futuro e as possibilidades sombrias que se anunciam. Creio que há uma possibilidade e refiro-me a três autores, Marx, Rousseau e Heidegger. O jovem Marx, em uma obra que chamamos o Manuscrito Econômico-Filosófico, falava do homem genérico. Não se tratava absolutamente de genética, no sentido da genética moderna. O homem genérico significa as possibilidades geradoras, criativas que estão na realidade humana. Pode-se dizer, se assim se deseja, que toda a história humana é uma revelação de potencialidades, tanto no gênio musical, filosófico, artístico, quanto no horror de Stálin ou Hitler. O homem genérico significaria as capacidades genéricas. Mas essas capacidades genéricas humanas estão imobilizadas, limitadas, endurecidas em nossas estruturas sociais e é necessário que ocorra algo, a crise, justamente, para que haja uma revitalização das capacidades criadoras genéricas.

Nesse sentido, Rousseau tinha uma visão ingênua da bondade natural do homem, porque o homem não é naturalmente bom, ele é bom, ele é mau, ele é tudo. Mas, o que desejava dizer de Rousseau é que ele sabia muito bem que existem possibilidades no ser humano e que muitas dessas possibilidades estão bloqueadas, porque existem fenômenos de esclerose e de degradação. Dito de outra forma, o cego tem a lucidez de ver que o que chamamos progresso não é sempre uma conquista do melhor, mas que há uma degradação das possibilidades.

Assim, como resultado, situo aqui a citação de Heidegger que farei. Heidegger diz: “a origem não está atrás de nós. A origem está à nossa frente”. O sentido que dou a essas palavras, como se pode ver, é que temos uma nova origem à nossa frente. Possível, mas certa. Podemos ir na direção de um novo começo. Podemos preparar-nos para a refundação. Devemos esperar pela regeneração. Mas, bem entendido, não se deve mais continuar sobre este caminho. É algo enorme, gigantesco, aleatório, incerto que se apresenta a nossa frente. Mas é talvez a maior missão, a mais nobre de toda a história humana, que é aquela que consiste não apenas em salvar a humanidade do desastre na direção do qual ela vai, mas, talvez, através dessa salvação, preparar, quem sabe, um mundo novo, que não vai resolver todos os problemas automaticamente, mas que abrirá um caminho, um novo caminho. Também, sem programas, sem planificação, sem discurso sobre o que deve ser feito para a abertura, nossa abertura, que deverá ser criadora. Temos apenas duas ou três tochas, a paixão, o amor e a inteligência e, agora, podemos ir. “Caminante, no hay camino, el camino se hace el andar”, como disse o poeta espanhol, caminhante, o caminho se faz ao marchar!